



CASTANHAL - PARÁ



PROJETO JAPIM DE SABERES



Jovens do campo construindo um
movimento de saberes ambientais

Suellen Lemes Freire Santos
Romier da Paixão Sousa
Cícero Paulo Ferreira

PROJETO DE EXTENSÃO

PROJETO JAPIM DE SABERES: Jovens do campo construindo um movimento de saberes ambientais

Suellen Lemes Freire Santos
Romier da Paixão Sousa
Cícero Paulo Ferreira

Sumário

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	4
Título do projeto	4
Equipe do Projeto	4
Campus	4
Período de execução	4
Linha Temática	4
2. PALAVRAS CHAVE	4
3. RESUMO	4
4. INTRODUÇÃO.....	5
5. OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICO)	6
Objetivo geral	6
Objetivos específicos.....	6
6. PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA	6
7. METODOLOGIA.....	9
8. METAS E RESULTADOS ESPERADOS	12
9 RECURSOS NECESSÁRIOS.....	12
10 PRINCIPAIS ATIVIDADES DO PROJETO E RESPONSÁVEIS	13
11 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO	13
12 REFERÊNCIAS	13

PROJETO DE EXTENSÃO

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO	
<i>Título do projeto</i>	PROJETO JAPIM DE SABERES: JOVENS DO CAMPO CONSTRUINDO UM MOVIMENTO DE SABERES AMBIENTAIS
<i>Equipe do Projeto</i>	Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia na Amazônia (NEA)
<i>Campus</i>	IFPA- Campus Castanhal
<i>Período de execução</i>	02/04/2018 a 21/12/2018
<i>Linha Temática</i>	Educação

2. PALAVRAS CHAVE
Educação ambiental; Educação do campo; Agroecologia

3. RESUMO
A transversalidade inerente à educação ambiental faz com que ela se efetive nas relações entre os saberes, ressignificando o espaço escolar. Ela permite o entrelaçar de olhares e de espaços a partir de seus múltiplos sujeitos. Neste sentido, este projeto tem como objetivo promover uma interação entre o Instituto Federal do Pará, as escolas rurais e as comunidades locais possibilitando novos olhares e significados para o espaço rural, como também, propiciar uma dinamização do fazer pedagógico nas escolas a partir do diálogo de saberes.

4. INTRODUÇÃO

O Instituto Federal do Pará (IFPA) entende que a extensão é a interface entre a instituição e a comunidade, sendo esta indissociável do ensino e da pesquisa, apoiando-se na “[...] valorização e troca de saberes para a solução de problemas, e no diálogo entre a função social dos institutos e as políticas públicas, buscando a efetivação de direitos sociais e o exercício pleno da cidadania” (BRASIL, 2007, p.72).

Tendo em vista a política de extensão do IFPA, que consta como objetivo a promoção, fomento e implementação de políticas de extensão através de programas, projetos e atividades, com vistas a integrar e articular setores da instituição com os diversos saberes e demandas da sociedade, é pertinente a proposta de um intercâmbio institucional entre o IFPA e a Secretaria de Educação do Município de Castanhal em prol da construção de uma educação ambiental mais crítica a partir de um enfoque agroecológico nas escolas rurais.

Com esse entendimento, e em busca de articular o ensino, a pesquisa e a extensão em um contexto local, o Núcleo de Estudos em Educação e Agroecologia na Amazônia (NEA), sediado no IFPA- Campus Castanhal é formado por professores, técnicos e estudantes dos diversos cursos da Instituição (cursos técnicos, graduação e pós-graduação) o qual desenvolve pesquisas e realiza extensão tecnológica em diversas comunidades na Amazônia Paraense.

Diante o exposto e compreendendo as possibilidades de interação proporcionada pelo NEA, e tendo como finalidade a construção da educação do campo, a base estrutural desse projeto objetiva o desenvolvimento das potencialidades das escolas a partir da articulação pedagógica entre estudantes, professores, funcionários, gestores, membros da comunidade e a instituição tecnológica (graduandos, pós-graduandos, técnicos agropecuários, docentes), a favor da democratização do conhecimento técnico e científico. E como referência à construção desse projeto, encontra-se a educação ambiental crítica (LOUREIRO, 2008; LAYRARGUES, 2012) como estruturante de todo o processo; a agroecologia (CAPORAL, 2009; SOUSA, 2017) como suporte para a construção do conhecimento voltado para o desenvolvimento rural; a educação do campo (FERNANDES, 2008; CALDART, 2011) como projeto incessante e progressivo em prol de uma educação significativa para os povos do campo; e o diálogo como prática constante de trocas de experiências e de saberes.

5. OBJETIVOS (GERAL E ESPECÍFICO)

Objetivo geral:

- Desenvolver uma ação formativa em educação ambiental crítica em escolas rurais no município de Castanhal, propiciando um diálogo de saberes entre os educadores, educandos, agricultores e pesquisadores, onde os conhecimentos científicos possam dialogar com os saberes tradicionais dos sujeitos do campo, assim como favorecer uma proximidade entre a instituição federal, as escolas municipais e as comunidades.

Objetivos específicos:

- Proporcionar momentos dialógicos na escola em relação a dinâmica produtiva da comunidade.
- Estimular a criação de círculos de diálogos na escola visando a integração dos estudantes em relação aos assuntos relevantes para o grupo.
- Despertar nos jovens a necessidade de sensibilização da comunidade em relação às práticas de produção ecológica.
- Incentivar os educadores a inserir temáticas sócio ambientais que podem ser problematizadas na escola e nas disciplinas curriculares a partir das demandas da comunidade.

6. PROBLEMATIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA

A crise ambiental do nosso tempo “não é uma catástrofe ecológica”, mas sim, o efeito do pensamento ocidental que criou abertura para a racionalidade científica e instrumental, concebendo o mundo como “fragmentado e coisificado”. Por outro lado, e marcando um limite do pensamento unidimensional, emerge a epistemologia ambiental que problematiza a racionalidade científica e abre novos meios de transformação do conhecimento (LEFF, 2012; 2015, p.416).

A partir dessa abordagem, Santos et al. (2016) reconhece que todos os saberes são incompletos, inclusive os da própria ciência. Logo, o objetivo dessa nova epistemologia não é a hierarquização dos saberes, mas sim o reconhecimento de sua pluralidade, como também, sua interação e complementariedade.

Em meio a essa diversidade de identidades e relações, a educação ambiental é

convidada a se conectar a uma educação voltada para a cidadania, a justiça, a equidade social e com a democracia participativa, reconhecendo a indissociabilidade existente entre as pessoas e o lugar (SAUVÉ, 2016).

A educação ambiental como educação política é por princípio: questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; é crítica muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturas e sociais e da falta de ética (REIGOTA, 2014, p. 15).

Nesta perspectiva, a educação ambiental assume uma postura voltada para a complexidade e a criticidade, respeitando as identidades e diversidades culturais das sociedades (JACOBI, 2009). Nesse processo educativo, todos são professores e aprendizes, pois a complexidade ambiental volta-se para a reapropriação do saber e do ser no mundo (LEFF, 2010).

Na concepção de Morin (2003), a missão do ensino é de transmitir “uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre” (p.11). Porque o conhecer e o pensar “não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (p.59).

Logo, o desenvolvimento da educação ambiental crítica no ensino formal precisa fortalecer a autonomia de pensamento dos sujeitos. Por esse motivo, acredita-se na importância da “conscientização” no processo educativo, concebida por Freire (1979) como sendo a superação da “esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (p.15). Neste entendimento, a conscientização não pode estar ausente da práxis educativa, ou seja, o ato de ação e reflexão.

E com a intenção de dinamizar o fazer pedagógico, os temas geradores sugeridos por Paulo Freire, são concebidos como problematizadores da realidade, estimulando a

reflexão crítica e a conscientização dos sujeitos. Os temas geradores são selecionados a partir dos educandos, diante seus interesses, aspectos históricos, culturais, econômicos, entre outras abordagens.

Esta proposta de inserção da educação ambiental crítica nas escolas rurais contrapõe a “cientificidade normativa e tecnicista” utilizada formalmente nas instituições de ensino (p.124). Carvalho (2012, p.124-125) diz que o saber ambiental cunhado por Leff, será sempre e profundamente um “saber indisciplinado”. E com essa convicção, não cabe na educação ambiental crítica uma “retidão disciplinar”, mas transita entre os saberes científicos e tradicionais:

Assumir uma postura interdisciplinar como abertura a novos saberes é situar-se intencionalmente na contracorrente da razão objetivadora e das instituições, como a escola e os saberes escolares, enquanto espaços de manutenção e legitimação (CARVALHO, 2012, p. 125).

Esse caráter interdisciplinar da educação ambiental a distingue como sendo um tema transversal, convidando as instituições escolares a novos olhares, novos caminhos em busca de uma renovação nos modos de compreender, de ensinar e de aprender (CARVALHO, 2012).

Pautado na educação do campo, Pereira e Santos (2012) enfatizam que o processo para a construção de conhecimento se efetiva na relação do sujeito com o objeto de conhecimento em um contexto os quais encontram inseridos.

[...] o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar (MORIN, 2003, p.15).

Neste sentido, o desenvolvimento da metodologia da pesquisa no processo educativo é reconhecida por Borges e Silva (2012, p.226) como sendo o “centro do processo educativo”. Portanto, a pesquisa se constitui como uma metodologia necessária e primordial para o alcance dos objetivos propostos.

Em relação à proposta de extensão escolar, observa-se a possibilidade da criação e/ou fortalecimento dos círculos de cultura voltados para as discussões dos jovens do campo em relação às questões reconhecidamente relevantes pelo grupo, em busca de analisá-las almejando soluções e ações concretas

A educação ambiental elimina fronteiras entre escola e comunidade, ao tomar como eixo do trabalho pedagógico a problemática socioambiental. Considera como espaços/tempos educativos o que acontece dentro e fora da escola, como locus privilegiado, integrado e essencial para a criação de processos colaborativos de resolução de problemas locais, num movimento essencial em sintonia com temas da contemporaneidade, associados com a crise ambiental em escala planetária. A escolha e seleção de temáticas ambientais e as identidades dos sujeitos locais envolvidos são componentes pedagógicos fundamentais e fatores relevantes na construção de práticas educativas e criação de situações de aprendizagens calcadas na experiência e na vivência (JACOBI, 2009, p. 70).

Para Molina e Freitas (2011), o trabalho pedagógico desenvolvido através de coletivos (educandos e a própria organização escolar) é um importante mecanismo para os processos de transformação social. Esses espaços tendem a “cultivar a auto-organização dos educandos, no sentido do aprendizado do convívio, da análise, da tomada de decisões e do encaminhamento de deliberações coletivas” (p.26).

Outro momento fundamental no processo educativo é a avaliação, onde existe a possibilidade de uma reflexão crítica sobre a prática. É nesse momento que se analisa os avanços e limites das ações, ajustando as propostas e pensando novas alternativas.

7. METODOLOGIA

Reconhecendo a complexidade existente nos processos educativos, a dinâmica pedagógica do projeto se construirá em uma dimensão cíclica, onde o ensino, a pesquisa e a extensão se envolvem permanentemente, sendo possível o recuar e o avançar. O NEA através dos estudantes e servidores do IFPA participarão da proposta pedagógica em educação ambiental nas escolas a partir das temáticas ambientais, voltadas para a conservação dos recursos naturais e culturais, tendo em vista os processos de produção de alimentos.

Para o atendimento dos objetivos propostos, primeiramente pretende-se realizar um diálogo com os servidores das escolas onde será desenvolvido o projeto, explicitando seus objetivos e propostas, tendo em vista o diagnóstico realizado nas escolas municipais de Castanhal em 2017 em relação à educação ambiental. Diante as informações obtidas na pesquisa, serão eleitos os temas geradores que poderão ser desenvolvidos nas disciplinas curriculares e que definirão as ações do NEA na escola.

O calendário das ações pedagógicas em educação ambiental com enfoque agroecológico nas escolas, será construído coletivamente em cada unidade escolar que possuem os anos finais do ensino fundamental (8º e 9º anos) a partir das orientações da secretaria de educação do município, tendo em vista as particularidades de cada escola.

Para a concretização das atividades será necessário que cada escola tenha pelo ao menos uma pessoa responsável que auxiliará a equipe durante a execução do projeto na escola: no diálogo com a coordenação do projeto, na organização dos espaços para as ações, na seleção dos materiais necessários e condução do planejamento com os educandos e educadores sobre as atividades que serão desenvolvidas na escola juntamente com o NEA.

Serão realizados momentos formativos com os integrantes do NEA, visando a construção de materiais pedagógicos e metodologias para a facilitação das intervenções nas escolas.

Neste sentido, estão previstas as seguintes ações dinamizadoras nas escolas:

Palestras temáticas – As palestras nas escolas serão dinamizadas pelos estudantes dos cursos técnicos e de graduação do IFPA, tendo em vista as demandas da comunidade e os temas geradores trabalhados na escola. Exemplo: produção ecológica; desmatamento; agrotóxicos; lixo e reciclagem; água; entre outros.

As palestras temáticas estão previstas para acontecer até duas vezes por semestre nos anos finais do ensino fundamental, preferencialmente no início de cada bimestre com o objetivo de dar suporte ao debate sobre o meio ambiente nas disciplinas curriculares.

Visitas técnicas na comunidade- Realizar visitas em propriedades próximas à escola, buscando reconhecer experiências de produção de alimentos, como também,

refletir sobre as potencialidades da comunidade em relação à produção ecológica.

A visita técnica está prevista para acontecer no segundo semestre 2018 com os anos finais do ensino fundamental.

Oficinas- As oficinais terão o enfoque agroecológico, estando voltadas para o manejo dos recursos naturais. As oficinais serão disponibilizadas a partir da motivação da escola e do tema gerador. Como exemplo de oficinas temos: construção da horta escolar; compostagem; diversificação da produção a partir de sistemas agroflorestais; produção de sementes, produção de mudas, entre outros.

As oficinas estão previstas para acontecer uma vez por semestre nos anos finais do ensino fundamental.

Círculos de cultura- A proposta é que os círculos de cultura sejam formados no interior das escolas e expandidos para a comunidade, sendo um espaço de problematização e discussão sobre as temáticas consideradas mais urgentes na comunidade. Os círculos de cultura serão formados pelos educandos, educadores, servidores da escola, membros da comunidade e convidados palestrantes que problematizarão a temática, visando à reflexão e tomada de decisões.

Esta proposta visa a construir a autonomia e responsabilidade dos jovens em relação ao espaço em que vivem, buscando compreender suas problemáticas, contradições e possíveis soluções. Neste sentido, os educandos são os responsáveis pela interação e dinamização dos círculos, sendo facilitadores do debate, sob a supervisão e apoio dos educadores e gestores da escola. Por esse motivo é importante que os jovens tenham o poder de discutir e sugerirem temáticas para discussão.

A proposta é que esses círculos de diálogo sejam construídos tendo como estratégias: um filme, uma música, poesia, um convidado para palestrar sobre uma temática com o objetivo de esclarecer ou cobrar uma ação (agricultura, saúde, educação, segurança, entre outros).

Como metodologia, pode-se dividir o grupo entre defesa e acusação, ou instigar o debate a partir inquietações sobre o tema: “Eu não gostei porque...”; “Eu concordo porque...”; “Eu gostei porque...”; “Eu discordo porque...”.

Os círculos de cultura têm potencial para serem realizados uma vez por mês.

Intercâmbio de experiências- Essa proposta se baseia na troca de experiência entre

os educandos e pais agricultores das diferentes escolas do município no círculo de cultura, onde possibilitará uma reflexão sobre os trabalhos desenvolvidos em outras comunidades/ escolas. Outra possibilidade é a criação de materiais informativos na escola para a divulgação das experiências de produção ecológica entre as escolas e comunidades.

8. METAS E RESULTADOS ESPERADOS

- Aproximação entre as escolas e as comunidades nas trocas de saberes em relação à dinâmica produtiva;
- Criação de pelo ao menos um círculo de cultura em cada escola;
- Desenvolvimento de 03 palestras temáticas nas escolas;
- Oferta de 03 oficinas nas escolas;
- Realização de 01 visita de intercâmbio na comunidade;
- Jovens sensíveis, conscientes e multiplicadores das questões voltadas para o meio ambiente em suas múltiplas dimensões;
- Educadores estimulados ao debate das problemáticas ambientais em uma perspectiva crítica a partir das disciplinas curriculares e das atividades interdisciplinares.
- Apresentação dos trabalhos dos jovens do campo na Feira de Ciência , Tecnologia e Inovação Social (FECITIS) no IFPA- Campus Castanhal.

9 RECURSOS NECESSÁRIOS

Recursos humanos:

- 01 responsável por coordenar o projeto no âmbito da secretaria de educação do município de Castanhal.

- 01 educador em cada escola (no mínimo) responsável em coordenar o projeto no âmbito da escola;
- Docentes, técnicos e alunos dos cursos técnicos e graduação do IFPA para atuarem nas atividades práticas;

Recursos materiais:

- Ônibus escolar para a locomoção dos estudantes para o intercâmbio e a FECITIS;
- Alimentos para os discentes durante as atividades de campo.

10 PRINCIPAIS ATIVIDADES DO PROJETO E RESPONSÁVEIS	
ATIVIDADES	RESPONSÁVEIS
<i>I. Atividade 1- Palestras</i>	<i>Equipe NEA</i>
<i>II. Atividade 2- Oficinas</i>	<i>Equipe NEA</i>
<i>III. Atividade 3- Visita técnica na comunidade</i>	<i>Equipe NEA</i>
<i>IV Atividade 4- Formação círculos de diálogos</i>	<i>Equipe NEA</i>

11 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO						
ATIVIDADES	TEMPO DE EXECUÇÃO					
	<i>Abril/20</i> <i>18</i>	<i>Mai/20</i> <i>18</i>	<i>Agosto/20</i> <i>18</i>	<i>Setembro/20</i> <i>18</i>	<i>Outubro/20</i> <i>18</i>	<i>Novembro/20</i> <i>18</i>
<i>I</i>	X	X		X		
<i>II</i>		X		X	X	
<i>III</i>					X	
<i>IV</i>			X			

12 REFERÊNCIAS
BATISTA, Maria Grings et al. NEA Castanhal: entre avanços e desafios - uma proposta transdisciplinar de Educação em Agroecologia na Amazônia Paraense. Cadernos de Agroecologia , [S.l.], v. 12, n. 1, july 2017. ISSN 2236-7934. Disponível em: < http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/cad/article/view/22381 >. Acesso em: 10 jan. 2018.
BORGES, Heloisa da Silva; SILVA, Helena Borges. A educação do campo e a organização do trabalho pedagógico. In: GHEDIN, Evandro org. Educação do campo:

epistemologias e práticas. São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFPA 2014-2018 (PDI).**

Revisado em 2017. Disponível em: <http://prodin.ifpa.edu.br/pdi/1308-pdi/file> . Acesso em: 28/12/2017.

CALDART, R. S. A escola do campo em movimento. In: Arroyo, M. G. ; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C.(Orgs.). **Por uma educação do campo.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAPORAL, R. F. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. Caporal,, 2009. In: CAPORAL, R. F.; PAULUS, G.; COSTABEBER, J. A. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade.** Paulus. – Brasília: 2009.

Disponível em:

http://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Agroecologiaumacienciadocampodacomplexidade.pdf Acesso: 30/06/2016.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FERNANDES, B. M. Educação do campo e território camponês no Brasil. In: SANTOS, C. A. (Org.). Educação do campo: campo, políticas públicas **Educação ambiental: pesquisa e desafios.** Brasília: Incra; MDA, 2008. p. 39-66.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

JACOBI, Pedro Roberto et al. A função social da educação ambiental nas práticas colaborativas: participação e engajamento. **Cadernos Cedes**, v. 29, n. 77, p. 63-79, 2009. Disponível em: < <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/6416> > Acesso em: 12/01/2018.

LEFF, Enrique. **A complexidade ambiental.** Tradução de Eliete Wolff. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes.** Tradução de Silvana Cobuci Leite.- São Paulo: Cortez, 2012.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOLINA, Mônica Castagna; DE ABREU FREITAS, Helana Célia. Avanços e desafios na construção da Educação do Campo. **Em Aberto**, v. 24, n. 85, 2011.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.**

Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.uesb.br/labtece/artigos/A%20Cabe%C3%A7a%20Bem-feita.pdf>. Acesso em: 06/01/2018.

PEREIRA, Lúcio Alves; SANTOS, Roseli Bernardo Silva. Uma experiência na educação do campo: o enfoque materialista histórico-dialético em sala de aula. In: GHEDIN, Evandro org. **Educação do campo: epistemologias e práticas.** São Paulo: Cortez, 2012.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2014 (Coleção primeiros passos; 292).

SANTOS, Boaventura de Sousa et al. As Epistemologias do Sul num mundo fora do mapa.

Sociologias, Porto Alegre, ano 18, n. 43, set/dez 2016, p. 14-23. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/32989/1/As%20Epistemologias%20do%20Sul%20num%20mundo%20fora%20do%20mapa.pdf> Acesso em: 11/01/2018.

SOUSA, Romier da Paixão. Agroecologia e educação do campo: desafios da institucionalização no Brasil. **Educação & Sociedade**, 2017, 38 (Julho-Setembro) : Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87353321007>> ISSN 0101-7330. Acesso em: 28/02/2018.

SAUVÉ, Lucie. Viver juntos em nossa Terra: Desafios contemporâneos da educação ambiental. **Revista Contrapontos**, v. 16, n. 2, p. 288-299, 2016.